



Tarsila do Amaral,

Carnaval em Madureira, 1924.

Óleo sobre tela, c.i.d. 76,00 cm x 63,00 cm.

Acervo Fundação José e Paulina Nemirovsky

(São Paulo, SP).

Reprodução fotográfica: Romulo Fialdini

REFLEXÕES

GEOMETRIA SECRETA DE TARSILA

CARLOS PERKTOLD – ABCA/MG

Tarsila do Amaral nasceu em 1886 numa fazenda de café na qual havia, além das plantações, cactus e pedras que, no futuro, seriam elementos de suas composições pictóricas. Durante sua infância teve uma esmerada educação com preceptora belga. Casou-se pela primeira vez aos 18 anos de idade com um primo, André Teixeira Pinto, como era costume na época. Ele era um fazendeiro rude, insensível e desinteressado pelas coisas do espírito, com quem Tarsila teve uma filha, Dulce. Depois de casada, percebendo as qualidades do marido, tão distantes de sua sensibilidade, teve a ousadia de se separar dele, numa época em que pouquíssimas mulheres assumiam tal atitude e responsabilidade. Sua decisão era, claro, respaldada pelo pai, que a amava, e também pelo dinheiro dele, sem o qual ela não viveria. Era então uma mulher linda, inteligente e culta, educada em ambiente no qual se falava e se respirava a cultura do país de Proust, que ia do diário vinho Chateau Laffite aos cremes e pós-de-arroz importados e à disposição nos banheiros da casa, passando pela

literatura que incluía Victor Hugo e Voltaire, lidos no original. Tudo isso adicionado pelo som do piano Steinway, em uso permanente na casa. Com esse somatório, sentia-se livre e com coragem para ser corajosa em São Paulo, local para onde se mudou tão logo se separou do marido. Corajosa no Brasil para enfrentar os preconceitos de “mulher separada” enquanto aguardava a anulação de seu casamento pelo Vaticano e, depois, em Paris, que começaria a frequentar com assiduidade, viajando sempre na primeira classe de luxuosos navios franceses. Com esse curriculum, a beleza, elegância, cultura e o talento que tinha, Tarsila passa a ser desejada pelos homens e admirada pelas mulheres.

Sua primeira viagem a Paris, feita quando menina, foi uma decepção. Frustrou-se ante uma cidade que não é para infantes. Paris era então e é uma cidade para adultos desfrutarem o que ela oferece de melhor para quem já tem os sentidos apurados. E isso ela só sentiu, entendeu e viveu quando voltou, adulta, por várias e várias vezes e se tornou amiga de intelectuais

franceses, pintores e artistas consagrados, e passou a frequentar o equivalente francês daquilo que era o seu mundo intelectual paulista. André Lhote, Fernand Léger, de quem foi aluna, herdando forte influência nas composições, Picasso e outros artistas que a deixaram encantada pela capacidade de criação e transgressão, faziam parte de um mundo digno da sua cultura, conhecimento, beleza e talento. O cubismo a encanta e a influencia e, alguns anos depois, o julga superado.

Vivendo intensamente lá e aqui, conhece Oswald de Andrade, um playboy milionário que vivia gastando o dinheiro do pai, dono de loteamentos inteiros onde hoje são bairros importantes da Capital paulista, dirigindo seu Cadillac pelas desertas ruas da desvairada São Paulo de então. Tinha olhos azuis, era bonito, sedutor, inteligente e culto. Tornou-se amigo e marido dela. Ambos tiveram uma privilegiada vida, repleta de emoções afetivas e intelectuais. Separaram-se e ela tornou a se casar mais duas vezes, morrendo sozinha.

Sua vida é um modelo de como se pode viver bem quando se é rica e bela, culta, de bom gosto e talentosa, descrição digna de quem viveu no Olimpo como convidada dos deuses. Morreu em 1973, muito tempo depois da falência do pai, ocorrida na crise da Bolsa de Valores americana de 1929, já imortal. Sua primeira exposição foi na Galerie Percier, Paris, em 1926, com 17 quadros cheios de exuberantes cores tropicais e composições cubistas.

A biografia de Tarsila, assim tão resumida, não reflete a riqueza da vida que levou. E por “riqueza” não deve ser entendida aquela monetária, mas a intelectual e de intensas emoções. Inclui-se aí o esplendor de suas composições pictóricas que, num único relance, expressam a espontaneidade e a simplicidade enganosa do virtuoso. Enganosa porque atrás de cada elemento de suas composições existe uma geometria secreta aprendida durante seus estudos acadêmicos e aperfeiçoada com os cubistas, que conheciam o número de ouro, e da qual Tarsila fez bom uso.

O primeiro exemplo é o quadro *Carnaval em Madureira*, do início de 1924, quando ela, Oswald, Mário de Andrade e mais o grupo de amigos saíram à procura das raízes brasileiras, encontradas no carnaval do Rio e na temporada da Semana Santa em Ouro Preto, Mariana, Tiradentes, São João Del Rey e Congonhas. Nesta ocasião valorizam a arte brasileira, em especial, o barroco mineiro. O quadro é uma beleza de cores e alegria, com elementos marcantes do que foi a sua vida na fazenda, representada pelas pedras colocadas com sabedoria na metade superior da [tela](#), a manter o equilíbrio da composição; acrescidas de baianas do carnaval carioca e a presença da Torre Eiffel dominando o quadro, como a França a dominava intelectualmente.

O quadro está, de forma imperceptível, dividido ao meio pelo traço azul-claro do lado direito, linha que coincide com aquela da estrutura da torre e se encerra no centro da casa azul do canto esquerdo. Toda a parte inferior é construída em composições triangulares que se repetem em menor escala, que, por

sua vez, se fecham em losangos perceptíveis apenas quando se tem a pachorra de observá-los com olhos de matemático. É isso que ela mais faz ao planejar seus quadros: cálculos matemáticos que determinarão o local exato dos elementos, que farão de cada parte da composição um belo quadro individual, assegurando um resultado fantástico no total. Cada parte é importante e nenhuma chama a atenção de forma especial do espectador. A mulher é diabólica no que faz e pela precisão do que faz. Há ainda um X imperceptível unindo a parte superior com a inferior, completando a unidade.

Seu autorretrato de 1923, no qual ela está com um grande e elegante casaco vermelho, é de uma simplicidade fascinante pelas poucas linhas e cores (o vermelho contrastando com o azul ao fundo), com uma linha vertical reta que passa no centro do quadro pelo rosto, nariz e boca. Novos cortes e percebemos que o centro dele corresponde ao final do osso esterno da modelo e que as calculadas linhas abertas, formadoras do desenho do capote, são fechadas por aquelas do decote, encerrando

uma composição que não termina aí. As distâncias existentes entre as duas metades de seu corpo são iguais e há uma outra linha divisória a passar, com precisão, sobre seus olhos.

São fascinantes detalhes pictóricos, desconhecidos quase sempre pelo espectador comum, mas sentido pelo olhar treinado a ver uma obra-prima. Foram aprendidos pela artista ao longo de uma vida dedicada ao estudo da composição, das cores, dos elementos que integrarão o quadro, todos eles formadores de uma geometria secreta e da simplicidade enganosa que fazem de Tarsila do Amaral a artista consagrada e imortal que é.

CARLOS PERKTOLD

Graduado em Direito e Psicologia, é especialista em História da Cultura Geral e de Arte pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), sendo colecionador de obras de arte há 54 anos. Psicanalista, exerce atividades em Belo Horizonte (MG). Integra a Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA), a Associação Internacional de Críticos de Arte (AICA) e o Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais. Foi agraciado com a Medalha da Inconfidência, Medalha de Honra da Inconfidência e Medalha Santos Dumont pelo governo de Minas e com a Medalha João Pinheiro pelo IHGMG. É autor de *Ensaio de Pintura e de Psicanálise* (2002), *Caixa de Ferramentas* (2003), *A Cultura da Confiança ou a História do Crédito no Brasil* (2008)